

A CPI da Covid-19 nas redes

Uma reportagem sobre as redes transmídia que produziram sentidos nesta Comissão Parlamentar de Inquérito

Bárbara Marra e Maria Luísa Andrade



Foto: Brett Jordan/ Pexels

A Covid-19 fez milhares de vítimas por todo o mundo. Com as novas variantes e a falta de ações para a contenção da doença, o vírus se espalhou rapidamente por todo o Brasil. Em abril de 2021, o Brasil chegou a registrar 1,49 mortes por minuto causadas pela doença. O número de vítimas no país, deixou evidente a má administração do atual governo.

Procurando apurar ações e omissões do governo federal durante a pandemia, o senado criou uma Comissão Parlamentar de Inquérito. As investigações revelaram o despreparo e esquemas de corrupção envolvendo membros do governo de Jair Bolsonaro.

Nesta reportagem você vai conferir os principais acontecimentos da pandemia no Brasil e como perfis do Twitter revolucionaram a maneira de acompanhar política na internet, durante a investigação da CPI da Covid-19.

A pandemia de Covid-19

Em 2019, o vírus da Sars-Covid-19 transformou o mundo. A pandemia começou em Wuhan, na China, e acredita-se que o [primeiro paciente](#) tenha sido um homem de 55 anos. O vírus, que surgiu em uma pequena província chinesa, teve origem em animais e rapidamente se

espalhou por todos os continentes. Sem saber como contê-lo e como frear a sua rápida proliferação, a recomendação geral foi o isolamento social. Máscaras, álcool e o distanciamento se tornaram parte da rotina em todo o mundo. No dia 11 de março de 2020, a Covid-19 foi [caracterizada pela OMS como pandemia](#).

No Brasil, a primeira ocorrência da doença aconteceu no dia 26 de fevereiro de 2020, em São Paulo. O Ministério da Saúde foi notificado depois de um homem de 61 anos, com histórico de viagem pela Itália, dar entrada no Hospital Israelita Albert Einstein, apresentando os sintomas da doença.

Até aquele momento, o então ministro da saúde, Luiz Henrique Mandetta, havia assinado apenas a portaria nº188, que declarava a importância nacional da situação do coronavírus no país. Somente no dia 20 de março de 2020 foi aprovado pelo Senado o estado de calamidade pública no Brasil.

Como o Governo Federal lidou com a crise

Como as datas pouco espaçadas entre os acontecimentos demonstram, o vírus escalava rapidamente entre os brasileiros. Naquele momento, a população era informada diariamente sobre o que estava sendo feito pelo Ministério da Saúde e demais responsáveis pela contenção da transmissão em massa do vírus por meio de coletivas de imprensa organizadas por Mandetta, mas essa exposição e consequente aprovação do ministro pelos brasileiros fez com que ele caísse no desgosto de Bolsonaro. O presidente, que já havia desafiado a gravidade da Covid-19 em alguns momentos, discordava da forma com que Mandetta vinha lidando com a pandemia.

No dia 9 de março de 2020, a frase [“está superdimensionado o poder destruidor desse vírus, talvez esteja sendo potencializado até por questões econômicas”](#) foi proferida pelo presidente nos EUA, e no dia da aprovação do estado de calamidade pública, ele contrariou o que a decisão do Senado apontava, dizendo que “depois da facada, não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar.” No dia 24 de março, Bolsonaro acreditava que, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria se preocupar. [“Nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico, daquela conhecida televisão”](#), ele proferiu. No dia 31 daquele mês, o Ministério da Saúde informou que o Brasil já tinha 201 mortes e 5.717 casos confirmados de coronavírus.

A cada posicionamento do presidente, ficava mais claro que o governo negligenciaria a gravidade da doença causada pelo vírus Sars-Cov-19. Bolsonaro nunca mostrou ser uma pessoa empática e nem entendida de ciências. O mecanismo de transmissão do vírus não parecia fazer sentido para o militar e o estrago que vinha causando não o comovia. De fato, ele passou a boicotar qualquer medida que mostrasse ser eficiente para a contenção da Covid-19, ainda que outros governos as adotassem e que as comprovações científicas de que funcionavam fossem críveis. O isolamento social e o uso de máscaras foram boicotados pelo presidente e seus apoiadores, [que chegaram a invadir as UTIs de hospitais quando estes estavam lotados](#), impossibilitados de acreditar na realidade que os jornais mostravam.

Uma única medida, jamais comprovada como eficiente, foi apoiada por Bolsonaro. A hidroxicloroquina, medicamento usado em casos de malária, doença causada por uma bactéria, foi exaustivamente divulgada pelo governo e por seus apoiadores como sendo a cura para a Covid-19. Os comprimidos, fabricados pelo Exército e por laboratórios influentes no Brasil, começaram a ser vendidos como água nas farmácias e até distribuídos, juntamente com o vermífugo Ivermectina, nos chamados “kits Covid”. Ambos os remédios não possuem nenhuma eficácia contra nenhum vírus, visto que são formulados para matar bactérias e vermes.

Por que, então, a insistência do governo no tratamento com essas formulações de mecanismos tão distintos do que precisa ser um antiviral? Mais tarde, viria à tona um esquema que comprovou que o governo tinha interesses econômicos não apenas na venda indiscriminada desses comprimidos, como também na distribuição das vacinas que eventualmente foram desenvolvidas. Antes disso, Mandetta foi demitido por rejeitar a hidroxicloroquina como tratamento para Covid e, depois dele, seu sucessor, o médico Nelson Teich, abandonaria o cargo em uma semana, pelo mesmo motivo.

Retratos da má administração

Desde o início da pandemia, pesquisadores de todo o mundo trabalharam incansavelmente na busca de um imunizante contra o vírus. Foi preciso desenvolver em um curto período, uma vacina para a Covid 19, a maneira mais segura de se proteger da doença. Apesar da velocidade das pesquisas, as doses aprovadas passaram por um rigoroso estudo, atestando a sua segurança e eficácia.

Enquanto vários países ao redor do mundo avançavam na vacinação, o Brasil batia recordes de mortes. No dia 31 de março de 2021, morria um brasileiro a cada 22 segundos.

O colapso no Amazonas

Um outro momento emblemático e importante para a compreensão da ineficácia no combate à pandemia pelo governo Bolsonaro aqui denunciada, é a chamada crise do oxigênio, que teve como palco o estado do Amazonas, em janeiro de 2021. O Brasil passava, naquele momento, pela segunda onda de contaminação massiva por coronavírus, após um período de relaxamento das restrições generalizado no segundo semestre daquele ano, motivado pela insistência do presidente e de seu ministro da economia, Paulo Guedes, que disseminavam a ideia de que a quarentena pioraria a situação caótica da economia do país e o desespero dos brasileiros. A população pedia um auxílio de 600 reais do governo, e, apesar de se recusar a aumentar esse valor, Bolsonaro se aproveitou dessa pauta para justificar a abertura do comércio e o relaxamento do distanciamento social.

O Amazonas foi um dos estados que mais aderiu às desvarias de Bolsonaro, sendo o governador Wilson Lima (União) e o prefeito de Manaus, David Almeida (Avante), apoiadores do presidente. Com a abertura do comércio, as internações por Covid-19 dispararam no final do ano e, no dia 14 de janeiro de 2021, acabaram os cilindros de oxigênio de todos os hospitais da capital do estado.

Naquele momento, o ministro da saúde era o general Eduardo Pazuello, mais tarde acusado de omissão por ter ignorado um aviso do ministério da saúde sobre a urgência da situação em Manaus. Além disso, a empresa White Martins, responsável pelo abastecimento de oxigênio na região, já tinha notificado o governo do estado sobre o aumento expressivo da demanda por cilindros nos hospitais, entretanto, nada foi efetivamente feito para impedir a tragédia que se aproximava.

No dia 14 de janeiro de 2021, acabaram os cilindros de oxigênio de todos os hospitais da capital do estado. A necessidade de oxigênio no Amazonas ultrapassou 70.000 m³ por dia, enquanto antes da pandemia, eram 15.000 m³, e pacientes que dependiam do gás para se manterem na respiração mecânica começaram a vir a óbito por asfixia. Apesar de ter sido notificado pela Força Nacional do SUS naquele mesmo mês sobre a situação e ter visitado a cidade dias antes, Pazuello não foi capaz de ordenar nada para amenizar o problema.

Uma quantidade insuficiente, de 28.000 m³, foi disponibilizada para os pacientes das UTIs de Covid-19 de Manaus. Essa era a quantidade máxima que a White Martins conseguia produzir, enquanto as necessidades dos hospitais ultrapassaram os 70.000 m³. Os dois dias de colapso no Amazonas levaram mais de 30 vidas. Este, assim como outros sinais de negligência por parte do Ministério da Saúde e do governo federal, fizeram com que, em 13 de abril de 2021, fosse criada uma Comissão Parlamentar de Inquérito, oficialmente instalada no Senado Federal em 27 de abril de 2021, com o intuito de apurar as decisões tomadas pelo presidente e seus ministros no período.

A Comissão Parlamentar de Inquérito é instalada

Em 4 de fevereiro de 2021, o senador Randolfé Rodrigues (Rede-AP) protocolou um requerimento para abertura de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) no Senado, para investigar “as ações e omissões do governo federal no enfrentamento da pandemia de covid-19 no Brasil”. O ministro do Supremo Tribunal Federal Luís Roberto Barroso determinou no dia 8 de abril de 2021, a instalação da CPI. Durante a ocasião, Bolsonaro chamou a decisão de “ativismo judicial” e “politicalha”, além de dizer que faltava a Barroso, “coragem moral” para ordenar ao Congresso a análise de pedidos de impeachment contra ministros do Supremo.



The image is a screenshot of a tweet from Jair M. Bolsonaro (@jairbolsonaro). The tweet text reads: "- A CPI que Barroso ordenou instaurar, de forma monocrática, na verdade, é para apurar apenas ações do governo federal." followed by "- Não poderá investigar nenhum governador, que porventura tenha desviado recursos federais do combate à pandemia." and "(Segue)". Below the text is a video player showing a man in a suit, likely Bolsonaro, with a play button overlay. The tweet is dated 9:35 AM · Apr 9, 2021 and has 44K likes. At the bottom, there is a link to "Read the full conversation on Twitter" and a banner for "See the latest COVID-19 information on Twitter".

Jair M. Bolsonaro 2 2 ✓
@jairbolsonaro · [Follow](#)
Candidato à Presidência do Brasil

- A CPI que Barroso ordenou instaurar, de forma monocrática, na verdade, é para apurar apenas ações do governo federal.

- Não poderá investigar nenhum governador, que porventura tenha desviado recursos federais do combate à pandemia.
(Segue)

9:35 AM · Apr 9, 2021

[Read the full conversation on Twitter](#)

44K [See the latest COVID-19 information on Twitter](#)

A CPI teve início no dia 27 de abril de 2021, durante a primeira reunião aconteceu a instalação e eleição para os cargos de presidência. O Senador Omar Aziz (PSD/AM) foi designado para o cargo de presidente e o Senador Randolfe Rodrigues (REDE/AP), como vice-presidente.

No dia 4 de maio, aconteceu o depoimento do já ex-ministro da saúde Luiz Henrique Mandetta e no dia seguinte, do também ex-ministro da saúde Nelson Teich. Os depoimentos dos ex-ministros foram cruciais para identificação de padrões de comportamento do presidente Jair Bolsonaro que se repetiram durante o mandato de ambos. Segundo eles, houveram sucessivas tentativas de afrouxamento do isolamento social a qualquer custo, de emplacar o uso da Hidroxicloroquina, Ivermectina e outros medicamentos, sem eficácia contra a Covid-19 comprovada, como tratamento precoce, além da briga por protagonismo que se deu com os ministros durante toda a pandemia.

Começam as investigações da CPI

No dia 11 de maio, o depoente era o diretor-presidente da Anvisa, Antônio Barra Torres. Em sua fala, ele alegou que, em reunião com o presidente no Palácio do Planalto, a médica Nise Yamaguchi teria sugerido, até mesmo, alterar a bula do medicamento hidroxicloroquina, a fim de possibilitar seu uso indiscriminado como tratamento precoce. Na mesma sessão, o senador Humberto Costa (PT-PE) afirmou que a estratégia do presidente, “desde o início, é disseminar a covid-19 na expectativa de conseguir que 70% da população sejam contaminados e que, com isso, se estabeleça a chamada imunidade coletiva ou de rebanho. O governo expôs o povo brasileiro à doença e à morte, cometendo um crime com dolo eventual, porque sabia que poderíamos chegar a isso” (Fonte: Agência Senado).

Perfis no Twitter pautam a CPI

A indignação com as ações do governo como um todo, durante o caos pandêmico, foi geral entre os que não apoiam o presidente, e os resultados das medidas descabidas em todos os âmbitos nesse contexto causaram mal estar e arrependimento até entre seus apoiadores. A internet, sendo em alguma medida, um grande fórum e espaço de debate e exposição de opiniões, borbulhou com as disputas entre narrativas de perfis pró e contra Bolsonaro.

Em meio aos debates sobre as ações na pandemia, pode-se dizer que o início da CPI foi um fenômeno de engajamento nas redes sociais. Especialmente no Twitter, site em que os usuários têm 280 caracteres para expressar suas opiniões, perfis com o intuito de acompanhar,

opinar e transmitir o que se passava na CPI da Covid-19 ganharam destaque por conta do interesse genuíno que a investigação provocou. “Logo após a eleição, eu decidi me dedicar mais à política. Ainda na corrida eleitoral, percebi que os bolsonaristas com quem eu tinha contato eram bastante organizados e que suas narrativas eram muito bem consolidadas naquela bolha. Decidi estudar mais para entender como isso acontecia e como isso poderia ser combatido. Criei o perfil no dia que saiu o escândalo do [Fabrício] Queiroz, ainda em 2018, e logo eu tinha mais seguidores nessa conta do que eu tinha em minha conta pessoal”, conta o dono do perfil Tesoureiros do Jair, um dos mais repercutidos no Twitter durante a CPI.

Anônimos, os donos dos perfis respondem pelo nome de suas páginas para evitar represálias. O perfil Tesoureiros afirma não ter tido experiências anteriores trabalhando com coberturas jornalísticas ou na internet. Já o dono do perfil Jair Me Arrependi, outro dos mais acompanhados durante a investigação, conta que é formado em comunicação, mas que muito do que fez cobrindo a CPI foi aprendido na prática com o perfil. “Eu tinha em mente que o eleitor do Bolsonaro votou no “mito” enquanto figura heróica, mas também como algo que não existe. Cada eleitor dele votou em um político diferente: liberal ou ditatorial, contra privatizações ou a favor, católico ou protestante. Então, inspirando-me em um perfil americano chamado Trump Regrets criei o perfil e deixei ele no cantinho. Não esperava que fosse virar o sucesso que foi e tão rápido”, Jaimearrependi, como é conhecido na rede, conta, sobre a criação do perfil.

Ambos afirmam não ter tido a ajuda de ninguém para administrar suas páginas, contando apenas com seus seguidores para realizar um trabalho que nem eles mesmo esperavam fazer: ajudar na investigação da CPI da Covid-19 por meio de tweets e vídeos publicados na internet pelos delatados. Assim, eles conseguiram provar que depoentes mentiram, aumentando ainda mais seu engajamento e credibilidade e fomentando a interação com quem os seguia. Ambos relatam ter recebido mensagens de pessoas contando que só acompanharam a CPI por conta das postagens no Twitter, ou seja, pode-se dizer que essas pessoas criaram uma nova forma de acompanhar política. “Acho que o meu trabalho e o dos outros perfis que atuaram na cobertura foi essencial para consagrar um novo modelo de democracia digital”, afirma Jaimearrependi.



O perfil @tesoureiro pede aos internautas que mandem perguntas para serem respondidas na CPI.

Você pode conferir as entrevistas na íntegra com os perfis [Tesoureiros do Jair](#) e [Jair me Arrependi nos respectivos links.](#)

A repercussão no Twitter

Utilizando da documentação que possuíam de declarações e afirmações dos apoiadores do presidente, e do próprio, nas redes sociais, os usuários @tesoureiros e @jairmearrependi, conseguiram contradizer diversas falas e posicionamentos inverídicos proferidos nas sessões da CPI. Bolsonaro, seus filhos e seus apoiadores sempre foram usuários ferrenhos das redes sociais, desde a campanha pela presidência. Portanto, há uma vasta documentação online de suas declarações nas redes sociais, em tweets, vídeos no Youtube e posts no Instagram e Facebook. A partir desses registros, o trabalho de armazenamento e clipagem dessas declarações pôde ser feito, mas esses perfis não se limitaram a usar somente seu arquivo anterior de postagens do núcleo do presidente para provar tais inverdades.



Tesoureiro posta vídeo de momento em que o senador Rogério Carvalho utiliza informação fornecida por ele

Parte crucial do sucesso dos administradores em participar da investigação foi a interatividade com seus seguidores que propuseram, ao pedir que eles também auxiliassem na caça a provas que desmentissem os depoentes. Assim, o público que estava acompanhando as sessões através das redes poderia mandar um link de vídeo, post ou documento que viu em alguma outra plataforma, em qualquer data, para os administradores, que eles fariam a relação com o depoimento e divulgariam a falácia prontamente.



tesoureiro
@tesoueiros



Participação dos internautas é isso aqui. Apontar aos senadores tudo aquilo que presenciamos e registramos diariamente, ao longo de toda a pandemia.



O perfil @tesoueiros retuita um vídeo que foi enviado por um seguidor e arquivado antes de ser apagado pela FUNAG.

O post mais emblemático do perfil @jairmearrependi, foi a exposição da mentira de Fabio Wajngarten, responsável pela comunicação do governo. No depoimento Wajngarten, havia dito que não teve envolvimento na aprovação de campanhas contra o isolamento, ocasião da campanha criminosa “O Brasil não pode parar”. O dono do perfil descobriu que a informação era falsa depois de assistir uma entrevista do deputado federal, Eduardo Bolsonaro, onde ele mesmo afirmou que apesar da Covid, ele continuou bem, em casa trabalhando, inclusive aprovando campanhas. Jaime conta, “parei de assistir segundos após essa declaração, então quando me dei conta da mentira, fui atrás do link e já estava na minutagem certa para clipar e publicar.”



@jairmearrependi compartilha live que prova que Wanjgarten mentiu na CPI.

Logo após a publicação, o post já havia viralizado, alcançando mais de 3 milhões de pessoas no Twitter.

Mais um escândalo é revelado

Depois de dois meses após a instalação da CPI, a investigação revelou um suposto esquema de corrupção na compra da vacina indiana Covaxin, pelo governo de Jair Bolsonaro. Os documentos obtidos mostraram que o valor contratado pelo governo brasileiro, de US\$ 15 por vacina (R\$ 80,70), muito acima do preço inicialmente previsto pela empresa Bharat Biotech, de US\$ 1,34 por dose.

Ofício Nº 16 G/SG/AFEPA/SASC/PARL

Brasília, em 14 de maio de 2021.

Senhor Senador,

Em resposta ao Ofício nº 34/2021 - CPIPANDEMIA, pelo qual Vossa Excelência encaminhou o Requerimento de Informação (REQ) nº 19/2021 CPIPANDEMIA, de autoria do Senador Randolfe Rodrigues (REDE - AP), em que se requer "que sejam encaminhados, pelo Ministério das Relações Exteriores, informações e documentos sobre a adesão do Brasil ao consórcio internacional de vacinas contra a Covid-19, Covax Facility, promovido pela Organização Mundial da Saúde", presto os seguintes esclarecimentos.

ITEM 1

"1. Todos os documentos e comunicações do Ministério das Relações Exteriores referentes ao processo de adesão do Brasil à Covax Facility;"

RESPOSTA AO ITEM 1

2. Seguem, em anexo a este ofício, os expedientes, ostensivos e classificados, trocados, entre a Secretaria de Estado das Relações Exteriores, em Brasília, e a Missão Permanente do Brasil junto à Organização das Nações Unidas e

A Sua Excelência o Senhor
Senador Omar Aziz
Presidente da CPI da Pandemia
Senado Federal


Leandro Castro Bueno - Matr. 232658
Secretário de Comissão e Coordenador Adjunto
COCETI - Coordenação de Comissões Especiais,
Temporárias e Parlamentares de Inquérito

A compra das vacinas não foi finalizada por conta da descoberta do escândalo pela CPI. Depois disso, o foco das investigações mudou. No dia 25 de junho de 2021, foram à depoimento os irmãos Luis Miranda, senador federal, e Luís Ricardo Miranda, servidor público do Ministério da Saúde. Eles reiteraram as denúncias já feitas pelo senador de superfaturamento na tentativa de compra de vacinas produzidas pelo laboratório Barath Biontech, da Índia. Essa foi, até então, a maior tentativa de desvio de dinheiro conhecida no período do governo Bolsonaro.

A CPI acabou em pizza?

A Comissão Parlamentar de Inquérito foi encerrada no dia 26 de outubro de 2021, após seis meses de investigações. O relatório final da CPI pede 80 indiciamentos, incluindo o presidente Jair Bolsonaro. Além disso, o relatório pede que Bolsonaro seja afastado das redes sociais para a “proteção da população brasileira”.

Depois do encerramento das investigações, o senador e vice-presidente da CPI, Randolfe Rodrigues alegou “Trabalho da CPI não pode terminar só na aprovação do relatório.” E, para os administradores dos perfis Tesoureiros do Jair e Jairemrependi, isso não aconteceu. “A CPI já trouxe resultados concretos. Fez o governo correr atrás de vacinas e pausar,

momentaneamente, as campanhas negacionistas. Isso no auge da segunda onda, que gerou mais vítimas que a primeira. Os senadores fizeram sua parte, resta agora a PGR, que ignorou os crimes dos membros do governo na pandemia, atuar. Outro resultado foi o político, a rejeição ao governo Bolsonaro aumentou muito ao longo da CPI, pois muita coisa veio a público e ganhou destaque que a CPI recebeu nas redes sociais e na mídia. Além disso, algumas demissões só aconteceram por causa da repercussão da comissão”, explicita Tesoureiros.

A CPI não tem o poder de punir os acusados. As investigações serviram como um encaminhamento para os órgãos de fiscalização e controle. Agora, o Ministério Público Federal por meio da Procuradoria-Geral da República, e do Ministério Público dos estados devem seguir com o trabalho e condenar os culpados pelos crimes. “O maior resultado da CPI foi a revelação do desinteresse da esfera federal em acompanhar a ciência para lidar com a pandemia e produzir vacinas. A popularidade de Bolsonaro chegou ao pior patamar graças à comissão, porque as pessoas começaram a tomar conhecimento dos fatos. Acho que a CPI fez o seu trabalho de investigar bem no geral, mas o resto do processo, infelizmente, depende de outras esferas pouco interessadas em resolver a questão, como Augusto Aras, da PGR”, explicou Jaimearrependi.

Em memória às vítimas

Todos esses acontecimentos mostram o despreparo e descuido do atual governo com a população brasileira. As 600 mil vítimas do coronavírus no Brasil foram friamente desrespeitadas pelo presidente Jair Bolsonaro, que chegou até mesmo a imitar uma pessoa acometida pela doença em um momento de falta de ar. A insensibilidade dele e de todos que o rodeiam segue chocando, pois a CPI da Covid-19 também trouxe à tona outras figuras que tomaram posturas inaceitáveis durante os piores momentos da pandemia e que terão seus nomes manchados na história desse país.

Os desdobramentos da CPI foram escândalos de nível mundial, que evidenciaram a má administração que vem sendo feita desde 1 de janeiro de 2019. A impunidade, entretanto, também continua, desde esta data. Agora, as mortes por Covid-19 estão sob controle, entretanto, os brasileiros seguem morrendo, desta vez, de fome. A pilha de crimes de responsabilidade do governo Bolsonaro cresce a cada dia, e nada efetivamente é feito.

Nesta reportagem, procuramos evidenciar a sequência de acontecimentos que provam que a informação é o que move o brasileiro a se indignar e se posicionar contra o caos e o absurdo instalado no seu país. Quando a linguagem e o meio certos são usados, muito se pode fazer a fim de desmascarar os algozes da verdade e da justiça no Brasil, como vimos quando os perfis citados e seus seguidores acompanharam incansavelmente a CPI. Também procuramos evidenciar a sequência de ações que levaram o Brasil à tragédia incomparável que se desenrolou após a chegada do coronavírus nestas terras. Esperamos, assim, ter feito jus aos que nela pereceram, e à eles oferecemos as palavras aqui redigidas.

1. O que te levou a criar o @tesoureiros?

Logo após a eleição, eu decidi me dedicar mais à política. Ainda na corrida eleitoral, percebi que os bolsonaristas com quem eu tinha contato eram bastante organizados e que as narrativas bolsonaristas eram muito bem consolidadas na bolha deles. Decidi estudar mais para entender como isso acontecia e como isso poderia ser combatido de alguma forma. O perfil foi apenas uma forma de fazer isso nas redes sem me expor publicamente.

2. Você trabalhava com algo relacionado à Internet antes de criar o perfil? Tem alguma formação que o/a auxiliou na administração da conta?

Nunca trabalhei com nada relacionado à Internet. Aprendi muito ao longo destes anos sobre comunicação nas redes. Foi bem na prática mesmo. E muita tentativa e erro.

3. Conte um pouco sobre como foi o processo de criação do perfil no Twitter. Você contou com a ajuda de terceiros para administrar a conta?

O perfil foi criado por mim, e sempre foi administrado apenas por mim. A única ajuda que recebi foram algumas dicas de como proteger o anonimato e evitar tentativas de invasão na conta.

4. Por que escolheu/escolheram esse @?

Eu criei o perfil no dia que saiu o escândalo do Queiroz, ainda em 2018. Ele é o verdadeiro tesoureiro do Jair. Eu sou só a imitação. Já vinha acompanhando os perfis @jairmearrependi e @bolsoregrets, que estavam fazendo um barulho danado desde a eleição. Assim que saiu a denúncia sobre o Queiroz, criei o perfil e logo eu tinha mais seguidores nessa conta do que eu tinha em minha conta pessoal.

5. Você se recorda de quando o engajamento começou a subir? Qual foi sua reação diante do crescimento do seu alcance e de tantas pessoas interagindo?

O primeiro tweet que teve bastante engajamento foi logo na primeira semana de Janeiro. Eu fiz um post sobre o presidente da Agência Brasileira de Promoção de Exportações. “O cara das exportações não falava inglês”. O post teve quase 6000 compartilhamentos. No Twitter, isso é bastante coisa.

Depois, no final do mês, recebi uma denúncia de uma pessoa do Instituto de Surdos. Vídeos com temática progressista estavam sendo censurados no instituto. Apurei a denúncia, coletei algumas evidências e postei num fio no Twitter. O caso teve repercussão nacional, saiu nos maiores jornais do país, e levou o MEC a se pronunciar. Lembra da nota do MEC citando a KGB em 2019? Pronto. Eu meio que fui o culpado daquilo ali.

Minha reação, principalmente neste segundo caso, foi de muito espanto. Fiquei impressionado com o alcance que eu poderia obter com o uso das redes sociais. Isso me incentivou a atuar cada vez mais no combate ao bolsonarismo nas redes.

7. Alguma pessoa pública da política do Brasil, partido ou parlamentar chegou a entrar em contato com vocês na época por conta do trabalho que estavam realizando?

Sim. Tive contato com vários senadores membros da CPI da Covid. Também fiz parte de um podcast que entrevistou, além de senadores da CPI da Covid, deputados federais (Alessandro Molon e Marcelo Freixo), Sônia Guajajara, que preside a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil, o Juliano Medeiros, presidente nacional do PSOL, Erika Hilton, que foi a vereadora mais votada do país em 2020, além das trocas diárias de mensagens com políticos e partidos nas redes, no próprio Twitter ou em aplicativos de mensagens. Já fui também convidado pelo PT para uma entrevista na Rádio PT.

8. O perfil chegou a receber respostas de seguidores para alimentar os posts que estavam fazendo sobre a CPI. Esse processo foi totalmente espontâneo? Como isso começou?

Recebi MUITAS contribuições de seguidores na época da CPI. Boa parte das informações que coletávamos vinha de voluntários no próprio Twitter ou em grupos do Telegram. Foi um processo totalmente espontâneo, que exigiu de nós, que coordenamos tudo, bastante dedicação e organização.

9. Como você reconhece sua influência no processo da CPI? Que momentos desse processo foram mais significativos para o perfil?

Tivemos influência em quase toda a CPI da Covid: Desde os depoimentos até o relatório final. Muito frequentemente os senadores utilizavam materiais que coletávamos nas oitivas, ou reproduziam vídeos que eram enviados por nós. Acredito que ficou bem marcado na memória das pessoas o dia em que o Fábio Wajngarten quase foi preso. Isso só ocorreu porque enviamos aos senadores as informações para contradizer o que ele tinha dito lá na sessão.

10. Como você enxerga o desfecho da CPI? Para além do barulho político, acha que trará resultados concretos?

A CPI já trouxe resultados concretos. Fez o governo correr atrás de vacinas e pausar, momentaneamente, as campanhas negacionistas. Isso no auge da segunda onda, que gerou mais vítimas que a primeira. Os senadores fizeram sua parte. Resta agora a PGR, que ignorou os crimes dos membros do governo na pandemia, atuar. Vale lembrar que foi justamente este o motivo de a CPI existir. Outro resultado foi o político. A rejeição ao governo Bolsonaro aumentou muito ao longo da CPI, pois muita coisa veio a público e ganhou destaque que a CPI recebeu nas redes sociais e na mídia. Além disso, algumas demissões só aconteceram por causa da repercussão da comissão.

1. O que te levou a criar o @jairmearrependi?

Eu tinha em mente que o eleitor do Bolsonaro votou no “mito” enquanto figura heróica, mas também como algo que não existe. Cada eleitor do Bolsonaro votou em um Bolsonaro diferente. Tinha o Bolsonaro liberal, o ditatorial, o contra privatizações, a favor, o católico, o protestante. Então, inspirando-me em um perfil americano chamado Trump Regrets criei o perfil e deixei ele no cantinho. Eu só não esperava que fosse virar o sucesso que foi e tão rápido. Mas só queria me deliciar no Schadenfreude mesmo.

2. Você trabalhava com algo relacionado à Internet antes de criar o perfil? Tem alguma formação que o/a auxiliou na administração da conta?

Digamos que sim. Eu me formei em comunicação, mas muito do que aplico no perfil aprendi no convívio com as redes mesmo.

3. Conte um pouco sobre como foi o processo de criação do perfil no Twitter. Você contou com a ajuda de terceiros para administrar a conta?

Como eu disse, havia um perfil americano chamado Trump Regrets, que foi a minha maior inspiração. Ele era um perfil mais sério. O meu foi incorporando a personalidade da administração da página mesmo, que é a de palhaço de circo sem lona. E não. Apesar de receber colaborações valiosas de seguidores com dicas, furos e apoio emocional, a conta sempre foi conduzida pela mesma pessoa e sozinha nos últimos anos. E vai continuar assim.

4. Por que escolheu/escolheram esse @?

A ideia era que fosse “Jair se Arrependendo”, mas a limitação de caracteres do Twitter não permitiu. Então criei esse trocadilho com Já me arrependi e foi.

5. Você se recorda de quando o engajamento começou a subir? Qual foi sua reação diante do crescimento do seu alcance e de tantas pessoas interagindo?

Eu imaginava que a conta fosse crescer com o tempo, mas numa proporção bem menor. Aconteceu o oposto: logo após o resultado das eleições, já havia eleitor bolsonarista frustrado e manifestando descontentamento e arrependimento nas redes sociais. O caso emblemático foi o de um rapaz negro, que foi comemorar a vitória do presidente e acabou sofrendo uma abordagem truculenta da polícia, onde ouviu que “a partir de agora as coisas serão assim”. Eu escrevi um comentário qualquer lá e o perfil viralizou. Em uma semana chegamos a mais de 80 mil seguidores, viramos matéria no BuzzFeed. No início me assustei, mas esfriei a cabeça e pensei em usar o perfil para o bem, como oposição ao governo. Então desde o começo decidi que não iria revelar minha identidade para me proteger e para separar o alcance do perfil de sucesso da minha vida pessoal flopada.

6. Você se recorda ou tem dados dos posts que geraram mais engajamento?

O post mais emblemático do perfil foi o que expôs a mentira de um depoente da CPI. Fábio Wajngarten, responsável pela comunicação do governo, depôs na CPI e disse que não teve envolvimento na aprovação de campanhas na ocasião da criminoso “O Brasil não pode parar”. Pro azar dele, eu assisti a uma entrevista com o Eduardo Bolsonaro, onde ele mesmo afirmou

que, apesar da Covid, ele continuou bem em casa trabalhando, inclusive aprovando campanhas. Ele foi tão azarado que eu parei de assistir segundos após essa declaração, então quando me dei conta da mentira, fui atrás do link e já estava na minutagem certa para clicar e publicar. Isso se espalhou como pólvora na internet, chegando a ser reproduzido ao vivo, direto do meu perfil na CPI. Esse post alcançou mais de 3 milhões de pessoas no Twitter, sem contar as pessoas que jogaram o vídeo em outras redes. Para além do número de visualizações, essa postagem mostrou a importância de considerar as redes nos debates e consagrou a relevância do perfil nas redes. Nem só de meme da Gretchen vive o meu perfil.

Mas o meu maior feito, na minha opinião, foi transformar a cobertura da CPI em um evento aguardado e atrativo para quem sequer acompanha política.

7. Alguma pessoa pública da política do Brasil, partido ou parlamentar chegou a entrar em contato com vocês na época por conta do trabalho que estavam realizando?

Eu interagi muito com os perfis dos políticos, como o Senador Randolfe, marcando-os em temas relevantes para a condução da CPI e aconteceu dele interagir de volta. Essa relação abriu uma brecha para que contatos entre assessores fossem feitos. Mas com os políticos mesmo, não. E até prefiro assim porque fica tudo público, todo mundo acompanha, interage, participa, corrige, acrescenta.

8. O perfil chegou a receber respostas de seguidores para alimentar os posts que estavam fazendo sobre a CPI. Esse processo foi totalmente espontâneo? Como isso começou?

Recebi muitas dicas de seguidores, eles são parte fundamental do funcionamento do perfil. Chega muita loucura, muita coisa fora de contexto, mas vez ou outra recebemos dicas que são valiosas. Algumas delas, prefiro nem mesmo publicar e passo adiante para quem tem respaldo para apurar, os queridos jornalistas. Tudo que acontece no perfil é muito espontâneo.

9. Como você reconhece sua influência no processo da CPI? Que momentos desse processo foram mais significativos para o perfil?

Acho que o meu trabalho e o dos outros perfis que atuaram na cobertura foram essenciais para consagrar um novo modelo de democracia digital e processos de crowdsourcing no Brasil. Acredito que o meu maior papel de influência foi desejar que o Brasil (ou ao menos o Twitter) acompanhasse os depoimentos e consegui. Recebi muitas mensagens de gente que só passou a acompanhar graças ao perfil. Os momentos significativos foram receber agradecimento em sessão do vice-presidente da comissão, Senador Randolfe, que me chamou de Jaime, mas tá valendo. Senador Alessandro Vieira também é outro que reconhece nossa atuação, assim como vários. Mas o maior prêmio foi informar a galera do que estava rolando de um jeito fora do convencional.

10. Como você enxerga o desfecho da CPI? Para além do barulho político, acha que trará resultados concretos?

O maior resultado da CPI foi a revelação do desinteresse da esfera federal em acompanhar a ciência para lidar com a pandemia e produzir vacinas. A popularidade de Bolsonaro chegou ao pior patamar graças à comissão, porque as pessoas começaram a tomar conhecimento dos

fatos. Acho que a CPI fez o seu trabalho de investigar bem no geral, mas o resto do processo, infelizmente, depende de outras esferas pouco interessadas em resolver a questão, como Augusto Aras, da PGR.